



## **Análise das fontes jornalísticas nos acontecimentos das catástrofes ambientais<sup>1</sup>**

Daniela Silva HUBERTY<sup>2</sup>  
Giuliana Matiuzzi SEERIG<sup>3</sup>  
Jean Machado SENHORINHO<sup>4</sup>  
Márcia Franz AMARAL<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

É cada vez mais frequente o interesse da imprensa pelas questões ambientais, ao mesmo tempo em que as catástrofes ganham grande destaque nos meios jornalísticos. O discurso dos acontecimentos catastróficos é desenvolvido a partir da explanação das fontes, sejam elas testemunhas, experts ou autoridades. O trabalho faz uma análise da presença das fontes jornalísticas nas matérias sobre catástrofes ambientais presentes nas revistas semanais Veja, IstoÉ e Época, no período de janeiro a dezembro de 2011. Através disso, mostramos a especificidade de cada fonte nesse tipo de acontecimento e o seu papel nas diferentes revistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** fontes jornalísticas; acontecimento; cobertura de catástrofes.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho analisa a presença das fontes jornalísticas presentes na cobertura das catástrofes ambientais no ano de 2011 nas revistas Veja, IstoÉ e Época. O artigo é parte da pesquisa financiada pelo CNPq intitulada “Testemunhos e experts nos acontecimentos das catástrofes ambientais”.

Uma suposta nova tirania passou a assombrar nossos tempos: as catástrofes ambientais. Junto dela, o interesse da imprensa pelas questões ambientais foi ampliado. Nas últimas décadas, os fenômenos como terremotos, tsunamis, temporais e deslizamentos, assim como a defesa do meio ambiente, tomaram o lugar das grandes narrativas, especialmente nos meios jornalísticos.

No Brasil, pesquisadores da UNICAMP afirmam que dos 5,5 mil municípios, mais de 3,3 mil viveram situações de catástrofes nos últimos cinco anos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, email: [danihuberty@gmail.com](mailto:danihuberty@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, email: [giuseerig@gmail.com](mailto:giuseerig@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, email: [jeansenhorinho@yahoo.com.br](mailto:jeansenhorinho@yahoo.com.br).

<sup>5</sup> Coordenadora da pesquisa, professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, email: [marciafranz.amaral@gmail.com](mailto:marciafranz.amaral@gmail.com).



(STEIMBERGER-ELIAS, 2010) e muitas delas envolvem o clima. Como exemplo, citamos acontecimentos de destaque como as enchentes e os deslizamentos em Santa Catarina em 2008; os deslizamentos em Angra dos Reis e as chuvas no Rio de Janeiro, São Paulo e no nordeste em 2010; e os deslizamentos nas cidades serranas do Rio de Janeiro, considerado o maior desastre “natural” do país, em 2011.

Dados da International Disaster Database do EM-DAT mostram que de 1900 a 2004 houve 84 desastres mundiais. O marco das catástrofes foi o tsunami de 2004 que matou 4.000 pessoas na Ásia. Em 2005, os Estados Unidos enfrentaram os furacões Katrina e Rita, e em 2010, houve as inundações na Ilha da Madeira e os terremotos no Haiti e no Chile.

Nestrovski e Seligmann-Silva (2005) explicam que a palavra catástrofe vem do grego e significa “virada para baixo” (kata + strophé) e é, por definição, um evento que provoca trauma, outra palavra grega, que significa ferimento. O acontecimento catastrófico demanda o depoimento de várias fontes, sejam elas autorizadas, experts ou testemunhos. Essas fontes detêm determinados lugares de fala e assim, dão sentido ao acontecimento e auxiliam na sua constituição, através de relatos que reconstituem os elementos do passado e do presente e envolvem conhecimento, experiência, vivências e emoções. Afinal, o acontecimento não é uma realidade objetiva externa alheia ao sujeito que a percebe (ALSINA, 2009, p.12).

O acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica. Queré (2005) lembra que a sua compreensão e a da situação gerada por ele passa, também, pela sua explicação causal, mas não se resume nisso. O acontecimento constitui-se em experiência para aqueles que o viveram e alguns são particularmente significativos e nos fazem compreender certas coisas. Uma catástrofe de grande dimensão trata-se de um macroacontecimento, que “muda o campo do possível”, pois ultrapassa tudo aquilo julgado como possível até então.

### **Catástrofes ambientais**

O conceito original de catástrofe, proveniente do grego, não tinha um significado positivo nem negativo. Hoje, o termo é partilhado com a ideia de negatividade. Para Serra (2006) catástrofe é

um tipo de acontecimento marcante quer para o sistema político quer para o sistema mediático. Para o sistema político, na medida em que a catástrofe representa, por definição, a antítese daquilo que, desde



Platão e Aristóteles, é visto como a essência da política: a construção de uma ordem racional, assente na Ideia de Bem, no caso do primeiro; uma acção assente na prudência, no caso do segundo (SERRA, 2006, p.04).

Para Lozano Ascêncio (2002), uma catástrofe só existe se destrói. Assim, o mais importante nela não é o que existe ou se sucede, mas aquilo que transtorna e como os transtornos são percebidos. Conforme o autor, as causas das catástrofes são determinadas por suas consequências, que desequilibram as ordens, trajetórias ou permanências estabelecidas pela sociedade e cultura.

O interesse público sobre as questões ambientais ampliou-se nas últimas décadas. As associações de cunho ambiental surgem a partir da década de 1940, e o ambientalismo aparece nos Estados Unidos da América em 1950. Para Moraes (2008), a imprensa começa a interessar-se por essas questões na década de 60 e Carvalho explica que foi no final da década de 1980 (2011, p.106) que se deu a midiaticização das alterações climáticas.

Antigamente, as coberturas de catástrofes se restringiam à naturalidade dos fatos e à contagem de mortos e feridos. Porém, a relação homem e ambiente foi se modificando ao longo da história e hoje, os enquadramentos, tanto científicos quanto midiáticos, envolvem a busca da compreensão do acontecimento e a cobrança social pela ação dos atores públicos. Tudo isso influenciado pela narrativa da preservação ao meio ambiente.

A cobertura, evidentemente, também mudou ao longo do tempo. O que antes era noticiado dias depois do acontecimento, hoje é relatado de forma instantânea. Muitas vezes, os critérios de noticiabilidade também se modificam. No Brasil, por exemplo, é comum que a mídia dê destaque às vítimas das tragédias e às ações de solidariedade, em detrimento do relato do acontecimento em si. E se há vítimas brasileiras envolvidas, mais ênfase este aspecto terá.

### **Fontes jornalísticas**

Para viabilizar o relato jornalístico, utilizam-se fontes, ou seja, alguém que detém as informações de que necessita o jornalista. Para Charaudeau (2006), a utilização das fontes pode garantir ou não a credibilidade do que está sendo dito, dependendo da posição social do informador, do papel que desempenha, da representatividade no seu grupo e do grau de engajamento com a informação.



Pinto desmascara as concepções naturalistas das fontes:

as fontes não nascem do nada nem estão por aí, na lisa planície verde ou no côncavo da encosta arborizada, à espera de visita, quem sabe, de algum romance. As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. (2000, p.2).

As fontes jornalísticas abrigam diferentes posições sociais. Frequentemente, estão estrategicamente organizadas para defenderem seus pontos de vista. As fontes oficiais e autorizadas têm maior visibilidade, pois instituições e têm responsabilidade sobre elas, tendo assim um discurso mais persuasivo. As fontes populares são apenas lembradas quando envolvidas em alguma catástrofe, protesto ou acidente, ou seja, como testemunhos.

Desde que se deu início ao debate sobre meio ambiente no Brasil, na década de 60, aos dias de hoje, houve uma ampliação das tipologias de fontes quando da construção de reportagens sobre o tema. Costa (2006) estudou as primeiras tendências das matérias jornalísticas referentes às questões ambientais pela chamada grande imprensa e concluiu que eram privilegiados os órgãos governamentais como principais fontes. Porém, isso mudou ao longo do tempo. Miranda (2006) aponta que na década de 90, as universidades e institutos de pesquisa se consolidaram como umas das fontes principais dos jornalistas. Nosso propósito é analisar que fontes são utilizadas e quais seus papéis nas revistas semanais brasileiras de 2011.

No trabalho, consideramos fontes autorizadas as pessoas com função de representação institucional ou organizacional, fontes experts as que dispõem de um conjunto de conhecimentos especializados e competências específicas, e fontes testemunhais aquelas que presenciaram o fato e participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele. Enquanto as fontes autoridades e experts são convocadas para explicar o fato pela sua posição de poder ou por sua qualificação profissional, os testemunhos têm visibilidade pelo relato da sua experiência. Trabalhou-se com as fontes citadas, ou seja, aqueles trechos onde aparece a manifestação das fontes e não a manifestação utilizada apenas para a produção do conteúdo.

## **Revistas analisadas**



Foram analisadas as revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. Para termos a dimensão do alcance das revistas trabalhadas, usamos os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) referentes à circulação média das revistas em 2010 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES RE REVISTA, 2011). A revista *Veja* está em primeiro lugar, com 1.083.742 exemplares, *Época* está em segundo, com 409.028, e *IstoÉ* em terceiro, com 341.929.

Das 154 revistas publicadas em 2011, 30 revistas abordaram o tema em 38 matérias. A revista que mais publicou matérias sobre catástrofes foi *IstoÉ*, com 17 matérias. A revista *Veja* publicou 11 matérias e *Época* 10.

Nas 38 matérias, houve citações literais de 206 fontes. A revista *Época* é a que, proporcionalmente, citou mais fontes, numa média de 7,9 fontes por matéria. A *IstoÉ* usou uma média de 4,8 e a *Veja* 4,0 citações de fontes por matéria.

Do total de 206 fontes utilizadas pelas três revistas, a maioria delas foram testemunhais (96), seguida dos experts (67) e das autoridades (43). Nas revistas *IstoÉ* e *Época*, as fontes predominantes foram as de tipo testemunhais. No caso de *Veja*, o uso de declarações de fontes testemunhais e experts foram equivalentes.

**Quadro I** – Quantidade de revistas, de matérias e de fontes analisadas

	<b>Época</b>		<b>Veja</b>		<b>Isto É</b>		<b>Total</b>
<b>Quantidade de revistas com matérias sobre catástrofes</b>	6		7		17		30 revistas
<b>Quantidade de matérias analisadas no total</b>	10		11		17		38 matérias
<b>Numero de fontes nas matérias analisadas</b>	79 fontes	Média de 7,9 por matéria	45 fontes	Média de 4,0 por matéria	82 fontes	Média de 4,8 por matéria	206 fontes

**Quadro II** - Tipos de fontes

	<b>Época</b>		<b>Veja</b>		<b>IstoÉ</b>	
<b>Total de fontes testemunhais</b>	30	37,97%	21	46,67%	45	54,88%
<b>Total de fontes experts</b>	26	32,91%	21	46,67%	20	24,39%
<b>Total de fontes autoridades</b>	23	29,11%	03	6,67%	17	20,73%



Testemunhos, autoridades e experts podem aparecer de maneiras específicas no discurso das revistas, mas a princípio, são convocados para provar a verdade do relato. Para analisar o papel de cada citação, tomamos por base o valor do seu dito (CHARAUDEAU, 2006, p.168). Consideramos efeito de decisão quando a declaração vem de um locutor que tem o poder de decidir, ou seja, tem efeito performativo, pois é declaração ao mesmo tempo em que é a realização de uma ação. O efeito de saber vem de um locutor que tem autoridade pelo saber, envolve as análises e as explicações. O efeito de opinião ocorre quando a declaração vem de um locutor que julga ou aprecia um fato, pode envolver avaliações. O efeito de testemunho emana de um locutor que descreve o que viu ou ouviu. Como diz Charaudeau (2006, p. 169), “a declaração relatada se reveste de um caráter de veracidade por ter como única finalidade descrever a realidade tal como foi vista e ouvida”. Optamos neste trabalho por designar esse último efeito de descrição e veracidade, para que o termo testemunho possa ter um caráter mais amplo. É preciso lembrar também que uma citação pode remeter a dois efeitos.

Nas três revistas, as fontes testemunhais tiveram o papel prioritário de descrição (41 ocorrências), seguido de opinião (26 ocorrências). Eventualmente, tiveram o papel de saber (7 ocorrências) e raramente o papel de decisão (2 ocorrências).

### Quadro III - Efeitos valorativos das declarações das fontes testemunhais

	<b>Época</b>	<b>Veja</b>	<b>IstoÉ</b>	<b>Total de citações com a valoração</b>
Descrição	17	14	10	41
Opinião	13	8	5	26
Saber	0	2	5	7
Decisão	0	2	0	2

No que diz respeito às fontes experts, em Época elas cumprem o papel de saber e de opinião paritariamente, já em Veja elas têm a função de saber e na IstoÉ absolutamente majoritária o efeito valorativo de saber.

### Quadro IV - Efeitos valorativos das declarações das fontes experts

	<b>Época</b>	<b>Veja</b>	<b>IstoÉ</b>	<b>Total de citações com a valoração</b>
Saber	16	19	14	49
Opinião	16	5	7	28
Descrição	1	0	0	1
Decisão	0	0	0	0



Na revista *Época*, o efeito valorativo dominante da fonte autoridade é a opinião. Na *Veja*, as três fontes autoridades utilizadas ocupam tanto o papel de opinião quanto de decisão. Na *IstoÉ*, as fontes autoridades predominantemente ocupam o papel do saber, seguido de decisão e depois de opinião.

#### **Quadro V - Efeitos valorativos das declarações das fontes autoridades**

	<b>Época</b>	<b>Veja</b>	<b>IstoÉ</b>	<b>Total de citações com a valoração</b>
Opinião	11	3	2	16
Saber	7	-	8	15
Decisão	5	0	3	8
Descrição	-	-	-	-

#### **Análise das fontes jornalísticas**

A revista *Época* foi a que menos apresentou matérias sobre catástrofes (10 matérias). Em contraposição, foi a que mais citou declaração de fontes e 37,97% delas eram testemunhais. Todas as matérias sobre o tema continham declaração de fontes. As declarações das fontes testemunhais tem predominantemente o efeito valorativo da descrição (17 ocorrências), seguido do efeito valorativo de opinião (13 ocorrências). A nenhuma citação de fontes testemunhais foram atribuídos os efeitos valorativos de saber e de decisão. As citações das fontes experts tiveram tanto papel opinativo (16 ocorrências), quanto com o efeito valorativo de saber (16 ocorrências). Apenas uma citação de fonte expert teve o valor de descrição. As citações das fontes autoridades cumprem primordialmente o efeito de opinião (11 ocorrências), de saber (7 ocorrências) e de decisão (5 cada uma). Curiosamente, nas citações das fontes autoridade destacaram-se os efeitos de opinião (11 ocorrências), de saber (7 ocorrências) e apenas 5 casos de decisão.

Os papéis de cada tipo de fonte e sua evocação estão bem definidos nas matérias. Os testemunhos são apresentados com a sua idade, profissão e suas perdas, e geralmente, seus relatos são utilizados para recriar o clímax da tragédia e dar o pano de fundo da matéria. São falas nitidamente imersas na tristeza. As fontes experts aparecem filiados à instituições acadêmicas e são posicionadas a fim explicar e debater as questões concernentes às tragédias. As fontes autoridades são representadas por seus cargos e se utilizam de colocações evasivas ao invés de aparecer com explicações e planos de solução.



A revista *Veja* utilizou uma média de 4,0 citações literais de fontes por matéria, sendo que apenas uma matéria não continha a citação explícita de fontes. Ela citou de forma equilibrada fontes testemunhais e experts (21 ocorrências cada), em detrimento de fontes autoridades (3 ocorrências). As citações das fontes testemunhais têm o efeito valorativo de descrição (14 ocorrências), seguidas de opinião (8 ocorrências) e de saber e decisão (2 ocorrências cada). Os experts têm suas declarações com valor de saber (19 ocorrências) e de opinião (5 ocorrências). Já às citações das fontes autoridade (em número de 3) foi atribuído apenas o valor de opinião e nunca de saber ou de decisão, resultado também surpreendente.

Na revista, os cientistas são chamados a explicar e os governos raramente têm ação proativa, sendo praticamente forçados a se manifestar, dando a noção de que a situação era impossível de ser controlada. As pessoas do povo aparecem como vítimas e não agentes sociais. As reportagens que dizem respeito diretamente à cobertura de desastres ambientais e tragédias humanas são aquelas em que mais encontramos as fontes testemunhais. Quando a reportagem trata da investigação de um problema relacionado à preservação do meio ambiente, mas que não foi provocado por um desastre ambiental, vemos um apelo maior às fontes especializadas ou as fontes oficiais e as fontes testemunhais não aparecem. Quando as reportagens trazem temas internacionais, nota-se uma redução de fontes.

A revista *IstoÉ* apresentou mais matérias sobre catástrofes (17 matérias) e ficou em segundo lugar entre as três revistas no que diz respeito ao número de citação de fontes (4,8 citações). Usou majoritariamente fontes testemunhais (45) em comparação às outras fontes (20 experts e 17 autoridades). As citações das fontes testemunhais, em sua maioria, tem o efeito de descrição (10 ocorrências), mas também aparecem com os efeitos de saber e opinião (5 ocorrências em cada). Não aparecem nenhuma vez com o efeito valorativo de decisão. As fontes experts tem como papel mais forte o de saber (14 ocorrências) e, em seguida, de opinar (7 ocorrências). As citações das fontes autoridade se apresentam com o efeito valorativo de saber (8 ocorrências), seguidas de decisão (3 ocorrências) e de opinião (2 ocorrências). É a revista que mais usa citações de fontes testemunhais em relação às citações de outras fontes.

Nas reportagens estudadas, observa-se que as fontes testemunhais são bastante valorizadas, tendo prioridade em certos relatos, como no caso de enchentes e naufrágios. Os testemunhos aparecem desde as primeiras linhas, enquanto os experts



surtem muito comumente nos últimos parágrafos, com poucas citações. De forma geral, a formatação da fala das fontes autoridades e testemunhas é bastante similar.

Analisando as três revistas, podemos dizer que as fontes testemunhais são predominantes numericamente. Mas, isso não quer dizer que estabeleçam o enquadramento das matérias. Um estudo realizado por Ribeiro (2009) sobre as fontes de informação nas matérias sobre política da imprensa nacional portuguesa mostra que ainda há uma hegemonia das fontes oficiais, enquanto o cidadão comum é um exíguo protagonista, o que também foi concluído em nossa pesquisa. A esse cidadão ainda cabe apenas ilustrar os relatos com declarações da ordem da vivência.

Supomos que as fontes testemunhais são predominantes porque, em primeiro lugar, trata-se de cobertura de uma tragédia em que a voz de quem viveu a experiência é o singular. O enquadramento dramático é o esperado para esses casos, através dessas vítimas. Em segundo lugar, porque costuma-se entrevistar um maior número de fontes testemunhais, em comparação à fontes experts e autoridades, pois elas auxiliam na reconstrução do fato e sua dimensão. Notamos também que depois da catástrofe os experts seguem sendo publicados por semanas, enquanto que as testemunhas vão sendo paulatinamente caladas.

No caso da cobertura analisada, as fontes experts foram, predominantemente, do tipo *newsshapers*, cujas manifestações tiveram função de contextualizar, explicar, avaliar e prescrever (CHARAUDEAU, 2006, 2008). O jornalista interpela o expert para que ele auxilie na compreensão do fato e mostre as suas causas, através da análise das particularidades e universalidades. São os experts também, que vinculam o debate sobre as catástrofes à agenda mais ampla do desenvolvimento, do ambiente e do crescimento.

São fontes majoritariamente interpretativas e dedicaram-se, nas revistas estudadas, a não só explicar os fatos, como também tiveram uma atitude propositiva. Algumas vezes, determinaram o enquadramento do texto, por trazerem informações consideradas científicas e legítimas, além de pautar, inclusive os questionamentos ao poder público.

As fontes autorizadas têm sua fala manifestada de forma dissimulada, como se não tivessem nenhuma responsabilidade pela catástrofe. Nota-se o uso da estratégia de tergiversação, que aparece em todas as declarações, com o deslocamento da responsabilidade do poder público frente à catástrofe para outro lugar. Há um deslizamento das manifestações de maneira a que o leitor não perceba que o próprio



locutor, a autoridade, é quem deveria fazer o que ela mesmo está propondo. As revistas por vezes eximem-se de fazer críticas ao poder público e cabe aos experts apontá-las.

Partimos da noção de Charaudeau de que “toda a palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano” (2008, p. 8). Assim, o discurso das fontes oficiais nas matérias analisadas surge por vezes despolitizado, já que integra uma situação em que não toma para si as responsabilidades que lhe cabem naquele momento.

A fonte autorizada então nega que pessoalmente tenha alguma responsabilidade sobre o fato, retirando-se da cena e colocando as ações possíveis num passado ou futuro distante, de forma que a tragédia pareça impossível de ser controlada no presente e, por isso, restando apenas lamentar. Desaparece o *ethos* do discurso da competência usado nas campanhas e surge um *ethos* de solidariedade, que menospreza o poder do campo político. Apesar disso, outras posições vindas das fontes autorizadas são possíveis, embora raras de se encontrar.

É evidente que diante de tamanhas proporções dos fatos, é difícil responsabilizar somente um campo social, e sabemos que as ações políticas, ao longo da história, não têm dado conta das questões ambientais que envolvem as catástrofes estudadas.

O tipo de cobertura realizada pelas revistas também pode ser explicado pelas características específicas do dispositivo, sua periodicidade e suas condições de produção. Afinal, a cobertura da revista circula depois que vários outros veículos fizeram matérias, inclusive ao vivo.

### **Considerações finais**

Os depoimentos das fontes jornalísticas, sejam elas testemunhos, experts ou autoridades, são determinantes na construção do acontecimento. A escolha e manifestação das fontes estão condicionadas ao tipo de acontecimento em questão. O acontecimento catastrófico é construído pelo discurso jornalístico e por suas fontes, do qual demanda um grande número. Essas fontes vão reconstituir os elementos do passado e do presente, para que se construa a informação real. Os testemunhos costumam ter visibilidade nesses acontecimentos exatamente por possuírem essa especificidade.

Para Charaudeau (2006), os critérios de escolha dos atores sociais que terão visibilidades nas matérias servem a objetivos de credibilidade ou de captação, podendo obedecer a lógicas de notoriedade, representatividade, polêmica ou expressão. Nas



matérias sobre catástrofes ambientais, dificilmente os atores sociais provocam polêmica. Toda manifestação que revela tensão ou inconformidade é controlada, e assim não se perde o foco na singularidade do acontecimento.

O discurso jornalístico constrange sistematicamente cada uma das fontes a lugares pré-determinados e, como o trabalho mostrou, elas têm papéis muito específicos no caso das catástrofes, disponibilizando posições de sujeitos ligadas ao poder, experimentação e conhecimento. Esses lugares de fala existem de acordo com relações de poder naturalizadas que permitem a alguns explicar enquanto que a outros resta apenas ilustrar e comover.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTA. Circulação média de janeiro a junho de 2010. Disponível em <http://www.aner.org.br>. Acesso em 15 fev. 2011.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Premissas para o tratamento teórico metodológico do acontecimento apanhado pela trama noticiosa. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

COSTA, L. M. O esverdeamento da imprensa. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Florianópolis, nº 2, v.3, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo, Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. São Paulo, Contexto: 2006.

LOZANO ASCENCIO, Carlos Lozano. Aportaciones para una historia del acontecer catastrófico.. Disponível em: <<http://www.ubi.bocc.pt>>. Capturado em 11 dez. 2011

MIRANDA, L. O esverdeamento da imprensa. In: **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Florianópolis, nº 2, v.3, 2006

MORAES, C. H. Jornalismo Ambiental: dilemas de uma quase especialidade. In: **6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2008, São Bernardo do Campo (SP).



NESTROVISKI, Arthur. Vozes de crianças. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. In: **Comunicação e Sociedade**, 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n.8-9. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

SERRA, Joaquim Paulo. **Cataclismos e catástrofes**: reflexões acerca da relação entre sistema político e sistema mediático. Universidade da Beira Interior, 2006.

STEIMBERGER-ELIAS, Margarethe Born. Estudo das Condições de Produção e Circulação de Relatos sobre Desastres e Catástrofes na América Latina. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - **INTERCOM**, 2010.